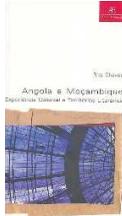


LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA A UTOPIA EM TRÂNSITO SOB OS VENTOS DO IMPÉRIO

Priscila Figueiredo da Mata Medeiros (UEMS)
priscilafdmata@hotmail.com



CHAVES, Rita. Literaturas em língua portuguesa: a utopia em trânsito sob os ventos do império. In: *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005, p. 243-302.

https://books.google.com.br/books?id=Fpe4L4zKu9MC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

O capítulo “Literaturas em Língua Portuguesa A Utopia em Trânsito sob os Ventos do Império”, do livro *Angola e Moçambique: Experiência Colonial e Territórios Literários*, está dividido em quatro partes, as quais serão analisadas uma a uma, cujos temas seguem listados: parte I, “Angola e Moçambique: O Lugar das Diferenças nas Identidades em Processo”; parte II, “Imagens da Utopia: O Brasil e as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”; parte III, “O Brasil na Cena Literária dos Países Africanos de Língua Portuguesa” e, parte IV, “Vida Literária e Projeto Colonial: Tradição e Contradição no Império Português”.

A Rita Chaves inicia sua abordagem lembrando ao leitor as relações travadas entre Ocidente e África, onde o primeiro subjuga o outro seja com grave exploração ou de forma mascarada. E é nessa adversidade que está fincada a raiz da literatura dos povos africanos de língua portuguesa, pois “as cores da violência tingem o desenho da contradição que é, afinal, a marca essencial de sua existência”. (CHAVES, 2005, p. 248)

Para demonstrar o quanto as relações conflituosas adentraram os traços literários africanos, o texto apresenta alguns excertos, em que literatos como Manuel Rui Monteiro e Pepetela, abordam a matança feita pelos colonizadores com o uso do fogo.

Nesse ponto a reflexão da autora é mais complexa, uma vez que ela não apenas está expondo o quanto o confronto marca a existência da literatura africana de língua portuguesa, mas o cerne da questão é *o conflito de ideários* entre os povos colonizadores e colonizados. Enquanto

para o primeiro a ideia de fogo como agente de morte não causa espanto, para o segundo, a associação fogo-morte só surge com a chegada daquele, que dá origem ao *sentido da diferença*. (CHAVES, 2005)

Na sequência, as ideias transmitidas são de que história e literatura têm um vínculo bastante forte, no qual a literatura tenta expressar de forma dinamizada as mazelas vividas pelos africanos, elencando-se alguns dos dilemas importantes para os pesquisadores da literatura dos povos africanos, sob a ótica do pós-colonialismo.

É apresentado o papel de cisão que a escrita promove entre os civilizados e não civilizados, com a discussão apresentada pela autora, que traz à tona a língua portuguesa como elemento formador de uma fenda entre a elite e “o restante”, sendo mais um motivo de hierarquização social em uma sociedade já tão estratificada.

Rita Chaves prossegue sua abordagem salientando que em Angola e Moçambique, a língua portuguesa é escolhida como instrumento linguístico para a práxis literária. Para exemplificar sua afirmação, lembra o caso de Rui Noronha, que foi anteriormente estereotipado como alienado, em razão de escrever com formas greco-latinas. Conforme ressalta, a revisão posterior de sua linguagem pôde enaltecer seus aspectos positivos e encarar seus textos como materiais que se valem da cultura do outro, sem deixar de abordar a cultura de seu povo.

Outro fato importante mencionado é a influência da literatura brasileira na África. Para a autora, a literatura brasileira foi importante elemento influenciador da literatura africana de língua portuguesa, pois, o que não era possível encontrar em Portugal (o colonizador), foi encontrado em um país que, assim como os africanos, fora colonizado por aquele.

A parte II aborda o tráfico negreiro, que dentre outros países, teve sua porcentagem em maior escala no Brasil, 30%. Essa relação conflituosa, onde o negro se via na condição de objeto, ainda que tenha sido encerrada teoricamente com a abolição da escravatura, permanece até os dias de hoje, se forem levadas em conta as atitudes preconceituosas tanto para os negros que vivem no nosso país, quanto para os que vivem na África. Isso porque o continente africano é visto como lugar de atraso, guerras e miséria.

Dado o pano de fundo de sua reflexão, que é a relação entre o Brasil e os países africanos, a autora salienta que o Brasil foi um elemento fundamental para a formação da consciência nacionalista dos países

africanos de língua portuguesa, exemplificando com José da Silva Maia Ferreira, escritor angolano que levou à sua terra alguns elementos constantes no romantismo brasileiro, após seu contato com nossos escritores.

Chaves demonstra que alguns fatores fizeram os africanos terem esperanças de sua independência com base nas experiências do Brasil. Vendo nosso país como local de democracia racial, a partir das ideias difundidas por *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, eles acabavam se comparando conosco e criando ideias de liberdade, visto que nós éramos a imagem viva da *ruptura com a metrópole*.

Outro ponto importante apresentado pela estudiosa é a influência de nossos autores modernistas na literatura africana. Sobre essa questão, ela destaca que houve a relação entre o local e o universal.

De mais a mais, Chaves (2005) informa que alguns autores africanos mandavam seus livros para serem publicados no Brasil, em razão de estarem vivenciando em suas terras a ditadura. Dessa forma, ficam demonstradas as trocas entre um e outro povo.

A parte III, *O Brasil na Cena Literária dos Países Africanos de Língua Portuguesa*, inicia-se com a apresentação de dois livros, *Os Agudás* (Milton Gurán) e *Diálogos Brasileiros: Uma análise da Obra de Roger Bastide* (Fernanda Peixoto). Conforme a autora, tais livros reforçam a ideia de influência da nossa literatura na literatura africana.

Da leitura das linhas iniciais se depreende que, pelo fato de o Brasil ser ex-colônia de Portugal, os países africanos tinham um sentimento de pertença em relação aos brasileiros. O Brasil era lugar de referência, o lugar de sonho.

A autora é enfática em demonstrar que o Brasil era tido como uma inspiração tanto pela parcela intelectualizada, como pelo estrato popular dos africanos, já que as semelhanças das paisagens e a força da miscigenação traziam proximidades entre esses povos.

Um dos textos recorrentes nos artigos de Chaves (2005) é o de Craveirinha, no qual o autor africano expõe seu amor pelo Brasil e a maior proximidade do povo africano com a literatura brasileira do que com a literatura portuguesa.

Ao concluir sua linha expositiva, a escritora assevera que o tema *identidade* envolve tanto questões práticas ou reais, quanto o imaginário ou simbólico. E o Brasil foi um forte elemento representativo para os

africanos, os quais souberam utilizar as situações impulsionadoras de mudança, para fins de fortalecer seu projeto libertário.

A parte IV do trabalho apresenta o sistema de exploração como um dado similar, tanto no Brasil quanto nos países africanos colonizados por Portugal. Segundo a autora, esse fato se deu de forma muito mais intensa na África, ao ponto de isso ter penetrado de tal forma no âmago daquelas sociedades que ainda repercute no presente, estendendo seus tentáculos, inclusive, às obras literárias.

A autora estende sua reflexão para a questão da língua, concluindo que existe uma angustiada discussão acerca da língua a ser utilizada nas produções literárias, situação essa agravada pelo fato de haver pluralidade linguística na região, bem como a alta taxa de analfabetismo.

Chaves (2005) prossegue sua exposição salientando que a literatura é utilizada como elemento de transformação social, como importante fator de reivindicação que, apesar de não desconsiderar a estética do texto, visa ser algo maior que isso. Essa é a chamada ruptura, na qual o homem da terra visa tirar de suas costas o estereótipo de *ser exótico*.

É apresentado também o fato de essa literatura trazer sempre em seu bojo o elemento exótico, o que revela uma dificuldade de enxergar o outro. Além de salientar que os heróis são sempre os portugueses que realizam feitos incríveis e, ao realizarem sua “missão”, voltam à sua terra. Com relação ao negro, quando é retratado, é apenas um coadjuvante.

De outro vértice, são apresentados autores que eram contrários às propostas colonialistas, como Alfredo Trony e Cordeiro da Matta. Conforme ela assevera, tais autores dão um lugar de importância à figura do negro, além de veicularem as produções da terra. Outros autores são apresentados como agentes de mudança, tais como Castro Soromenho, Manuel Ferreira e Nuno Bermudes. Em suas obras, o africano é presente como personagem, até mesmo protagonista, em narrativas que apresentam o colonialismo como estrutura fracassada. (CHAVES, 2005, p. 297)

Por fim, Chaves admite que, se forem considerados os fatores complexos aos quais estavam inseridas, as produções literárias dos africanos de língua portuguesa “conseguiram cumprir uma espécie de travessia, e seus passos, mesmo se limitados [...] foram compreendidos pelos escritores que se empenharam na [...] literatura que correspondesse ao estatuto de país libertado”. (CHAVES, 2005, p. 301)

A obra em análise é um importante material que ajuda a fortalecer

a pesquisa na vertente pós-colonial. Ao longo de sua exposição, a autora demonstra domínio de suas assertivas, as quais estão embasadas em importante material bibliográfico consultado pela mesma. A disposição das ideias é feita de maneira clara, porém, longe de ser rasa, já que suas reflexões são profundas e abastadas.

Verifica-se no corpo de sua pesquisa, que a autora se preocupou em trazer à luz algumas ideias de autores africanos, as quais, muitas vezes, foram expostas nas próprias palavras dos mesmos, facilitando ao leitor, a compreensão dos ideais trazidos por cada um. A estudiosa foge do pensamento comum, dando a toda sua pesquisa farto embasamento teórico, o que torna sua obra um relevante suporte bibliográfico.

Ante o estudo aprofundado ao qual está amparada, bem como a excelência dos projetos acadêmicos nos quais os artigos constantes nesse capítulo foram apresentados, a presente obra é indicada a todos os estudiosos e amantes da literatura africana de língua portuguesa. Devido a sua vertente pós-colonial, a obra em análise será bastante apreciada por pesquisadores dessa linha.

Acadêmicos de letras também serão grandemente beneficiados pelo trabalho de Chaves, uma vez que sua obra, conjugada com as demais disciplinas do curso trazem uma noção bastante clara acerca do nascimento da literatura de resistência contra os mandos da metrópole.